



Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - UERN
Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação - PROPEG
Campus Avançado "Prof.^a Maria Elisa de Albuquerque Maia" - CAMEAM
Departamento de Educação - DE
Programa de Pós-Graduação em Ensino - PPGE
Br 405, Km 153, Bairro Arizona, CEP 59900-000, Pau dos Ferros/RN
Fone (84) 3351 2560/ Fax 3351 3909/ E-mail: ppge.pferros@gmail.com/ Site: propeg.uern.br/ppge



I Simpósio Internacional de Ensino e Culturas Afro-brasileiras e Lusitanas (SINAFRO)

17 a 19 de abril de 2018

ANÁLISE TRANSLINGÜÍSTICA DA VERBO-VISUALIDADE E DOS SENTIDOS CONSTITUTIVOS DO TIPO ÉTNICO DO VAQUEIRO

Benedito Francisco Alves

Secretaria de Educação do estado do Ceará – email: alfransbe@yahoo.com.br

Resumo

A partir do arcabouço teórico-metodológico da Análise Dialógica do Discurso (BRAIT, 2014), este trabalho realiza uma análise translinguística da verbo-visualidade e dos sentidos que consolidam o tipo étnico e os discursos do vaqueiro no contexto da cidade de Morada Nova, Ceará. A atividade pastoril e desbravadora dos vaqueiros ocorre desde os tempos coloniais e é tão importante para a economia e para a cultura sertaneja quanto a prática da lavoura. Uma forma de recompensa para quem trabalhava com o gado de um patrão. O referencial teórico está baseado na categoria da compreensão responsiva ativa – consolidada ao longo das reflexões de Bakhtin (1986, 1993, 2003, 2010a, 2010b) e Bakhtin/Voloshinov (1993, 2002) – e na categoria da verbo-visualidade – baseada em Brait (2003) e O objetivo do trabalho é compreender as estratégias enunciativas que marcam o processo singular de constituição do tipo étnico do vaqueiro contemporâneo em relação ao discurso que exalta a figura de um mítico vaqueiro autêntico e trajado em suas vestes de couro. O *corpus* do trabalho é constituído pela intersecção entre as imagens de um vídeo e o hino do vaqueiro de Morada Nova. O vídeo analisado foi produzido no mês de junho de 2016. Os vaqueiros se reuniram numa pequena propriedade rural a fim de se alegrarem com a renovação de uma prática típica da época em que a atividade pecuária era majoritariamente extensiva. No momento em que os vaqueiros e criadores de Morada Nova se reúnem no Parque de Vaquejada João de Deus Girão e se organizam no Espaço Cultural Moacir Bezerra da Silva ou adentram a pista de vaquejada Vaqueiro Epitácio Pessoa de Andrade ou se congregam no pavilhão José Almir Girão, ou quando realizam uma festa de “pega do boi no mato”, toda uma secular vivência do homem que luta com o sertão, com o cavalo e o boi ganha um sentido diferenciado e singular, quase magestoso e heróico que acalenta e ressignifica a existência de quem se habituou a viver sob a rudeza do sol e do desconhecimento que a sociedade ainda atribui aos vaqueiros e aos criadores de gado. O hino do vaqueiro é um patrimônio fundador do imaginário da população de Morada Nova como parte viva e forte da “terra do vaqueiro”. Quando Francisca Carneiro de Girão Lima elaborou a letra do Hino do vaqueiro de Morada Nova e quando o Maestro

Coutinho elaborou a música que hoje reúne homens e mulheres, mestiços, brancos e negros ao redor de um discurso organizador que descreve os sonhos e as rotinas do vaqueiro, um senso de identidade congrega sujeitos diferentes sob um mesmo sol e uma mesma vida levada a galope com ou sem uma roupa de couro. No caso específico de Morada Nova, a partir da análise do *corpus* é possível depreender que a verbo-visualidade das práticas e discursos enunciados concretamente pelos vaqueiros ajudam a constituir um tipo étnico afeito à lida do campo e cada vez mais heterogêneo graças às mudanças decorrentes da atividade econômica e cultural vivenciadas pelos sujeitos que apreciam o ofício e o esporte da vaquejada mesmo apesar da insuficiência de políticas públicas para garantia da melhoria da vida do vaqueiro e preservação do ambiente físico e cultural da vaquejada enquanto prática laboral e/ou esportiva. O papel do vaqueiro para a realidade de um município grande territorialmente, mas de pouca expressividade enquanto uma liderança regional, é singular uma vez que propicia um sentimento de unidade e de pertença como pode ser atestado durante o período de celebração do feriado municipal do vaqueiro em 11 de junho. O vídeo de Egilson Teles apresenta um grupo diverso que reelabora a narrativa do vaqueiro como herói do sertão. O velho e o jovem vaqueiro, a mulher que ordenha o leite da vaca e a garota que se embeleza para desfilar junto a homens rudes trajados com vestes de couro semelhantes a armaduras metálicas da era medieval acabam elaborando um conjunto significativo de expressiva influência para caracterizar o tipo étnico do vaqueiro e emoldurar o jogo de sentidos que as palavras dos vaqueiros procuram reiterar com música e com argumentos simples. Portanto, a verbo-visualidade materializada no e pelo vídeo e pelo hino do vaqueiro possuem um caráter político-ideológico que alcança sua maior plenitude quando o vaqueiro e o criador de gado reconhece o caráter festivo de sua árdua e diária labuta. Em termos de discurso situado caracterizado pela interação responsiva de vozes que se respondem, especialmente, com o gênero textual conversa informal ou com o gênero música, a análise translinguística do texto verbo-visual enunciado pelo tipo étnico do vaqueiro é uma constatação de que o homem e a mulher só existem a partir do jogo de palavras elaboradas com recursos visuais e com elementos verbais. A análise verbo-visual das rotinas dos vaqueiros em meio ao contexto da festa de “pega do boi no mato com chocalho” indica que o grupo de vaqueiros e criadores elaboram sentidos particulares quanto ao que é ser vaqueiro num tempo em que a dúvida ou a insatisfação com a mecanização do campo, a carência de políticas públicas de governo para o pequeno agriultor são questões presentes nas entrelinhas verbo-visuais do enunciado concreto que definiu mais uma vez o vaqueiro como uma coluna de sua sociedade, um grupo étnico-racial numeroso e potencialmente questionador.

Palavras-chave: Responsividade. Verbo-visualidade. Tipo étnico. Vaqueiro